

YACHAY ADHIERE A UNA LICENCIA CREATIVE COMMONS
 ATTRIBUTION-NONCOMMERCIAL 4.0
 INTERNATIONAL – (CC BY-NC 4.0)



DOI: <https://doi.org/10.35319/yachay.20227761>

Perdão e não pedradas: a miserável e a misericórdia no relato da mulher adúltera (Jo 7,53 – 8,11)

Perdón y no pedradas: la miserable y la misericordia en el relato de la mujer adúltera (Jn 7,53 – 8,11)

Forgiveness and not stones: misery and mercy in the narration of the adulterous woman (Jn 7,53 – 8,11)

Waldecir Gonzaga¹

Marcela Machado Vianna Torres²

Resumo

Neste artigo analisa-se a perícopre Jo 7,53 – 8,11 e mostra a relevância deste relato cuja origem joanina é contestada. Apesar de ser considerado por muitos autores como um acréscimo tardio ao Evangelho de João, o relato foi considerado como texto inspirado e configura parte do *corpus* do IV Evangelho e do Cânon do Novo Testamento. A perícopre trata de uma mulher apanhada em flagrante ato de adultério, que é levada pelos escribas e fariseus para a presença de Jesus para que este lhes dissesse qual seria o destino de “tais” mulheres. Esta forma

- ¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Pós-doutorado sobre o Cânon Bíblico, pela FAJE, Belo Horizonte, Brasil. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq. E-mail: waldecir@hotmail.com e waldecir@puc-rio.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.
- ² Mestranda em Teologia Bíblica junto à mesma Universidade. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq. E-mail: marcelamvtorres@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9630383223180390> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1922-3613>.

de dirigir-se à mulher já demonstra a forma pejorativa e linguagem de desprezo para com ela. Além do cenário patriarcal, que omite a figura masculina que também havia cometido adultério, percebe-se que por trás da preocupação jurídica do delito em questão, está a intenção dissimulada de pôr Jesus à prova frente à lei de Moisés e do poderio de César. Com autoridade de mestre, Jesus não responde diretamente à questão, mas devolve a pergunta dando uma lição de vida a todos os presentes, ensinando que o caminho é o do perdão e não das pedradas. O ambiente de ensino é transformado num cenário jurídico em que os julgadores, baseados na Lei mosaica, são levados a enfrentar a Lei do amor e da misericórdia trazida por Jesus. A Lei mosaica é superada após o evento Cristo; os escribas e fariseus não se encontram dispostos a seguir os ensinamentos de Jesus e saem de cena sem a conversão. Neste estudo, reflete-se a dimensão do perdão e do não-julgamento dentro da prática e na compreensão religiosa de que Jesus veio para perdoar e não para julgar. O estudo divide-se em segmentação, tradução, crítica textual, delimitação, estrutura e forma retórica, análise das formas, gênero literário, comentários e conclusão.

Palavras chave

Acusação – mulher adúltera – pecado – escribas e fariseus – misericórdia

Resumen

Este artículo analiza la perícopa Jo 7,53 – 8,11 y muestra la relevancia de esta historia, cuyo origen joánico es discutido. A pesar de ser considerado por muchos autores como una adición tardía al Evangelio de Juan, el relato fue considerado un texto inspirado y forma parte del *corpus* del IV Evangelio y del Canon del Nuevo Testamento. La perícopa trata de una mujer sorprendida en el acto de adulterio, que es llevada por los escribas y fariseos a la presencia de Jesús para que les diga cuál sería el destino de “tales” mujeres. Esta forma de dirigirse a la mujer ya demuestra la forma peyorativa y el lenguaje del desprecio hacia ella. Además del escenario patriarcal, que omite la figura masculina que también había cometido adulterio, es claro que detrás de la preocupación jurídica del delito en cuestión, está la intención disfrazada de poner a prueba a Jesús frente a la ley de Moisés y el poder de César. Con la

autoridad de un maestro, Jesús no responde directamente a la pregunta, sino que la devuelve dando una lección de vida a todos los presentes, enseñando que el camino es el perdón y no pedradas. El ambiente de enseñanza se transforma en un escenario jurídico en el que los jueces, basados en la Ley mosaica, son llevados a enfrentarse a la Ley de amor y misericordia traída por Jesús. La Ley mosaica es superada luego del evento de Cristo; los escribas y fariseos no están dispuestos a seguir las enseñanzas de Jesús y abandonan el escenario sin conversión. En este estudio, la dimensión del perdón y el no juzgar se refleja dentro de la práctica y comprensión religiosa de que Jesús vino a perdonar y no a juzgar. El estudio se divide en segmentación, traducción, crítica textual, delimitación, estructura y forma retórica, análisis de formas, género literario, comentarios y conclusión.

Palabras Clave

Acusación – mujer adúltera – pecado – escribas y fariseos – misericordia

Abstract

This article analyses the pericope Jn 7:53 – 8:11 and shows the relevance of this narration, whose Johannine origin is disputed. Despite being considered by many authors as a late addition to the Gospel of John, the account was considered an inspired text and forms part of the *corpus* of the IV Gospel and the Canon of the New Testament. The pericope deals with a woman caught in the act of adultery, who is taken to Jesus by the scribes and Pharisees so that he could tell them what would be the fate of “such” women. This way of addressing the woman already exhibits contemptuous language and a pejorative attitude towards her. In addition to the patriarchal scenario, which omits the male figure who had also committed adultery, it is clear that behind the legal concern of the crime in question, there is the disguised intention of putting Jesus to the test in the face of the law of Moses and the power of Caesar. With the authority of a master, Jesus does not answer the question directly, but gives it back in a vital lesson to all those present, teaching that the way is forgiveness and not stoning. The teaching environment is transformed into a legal scenario in which judges, based on the Mosaic Law, are led to face

the Law of love and mercy brought by Jesus. The Mosaic Law is overcome after the Christ event; the scribes and Pharisees are not willing to follow the teachings of Jesus and leave the scene without conversion. In this study, the dimension of forgiveness and non-judgment is reflected within the practice and religious understanding that Jesus came to forgive and not to judge. The study is divided into segmentation, translation, textual criticism, delimitation, structure and rhetorical form, analysis of forms, literary genre, comments and conclusion.

Key words

Accusation – adulterous woman – sin – scribes and Pharisees – mercy

Introdução

A perícopre Jo 7,53 – 8,11 é uma narrativa permeada por diálogos na qual o narrador descreve que Jesus e o povo estavam num ambiente de ensino quando os escribas e fariseus trazem, até Jesus, uma mulher apanhada em adultério. Ela é colocada no meio da cena. Além de toda a humilhação e medo, a mulher é exposta publicamente a uma situação vexatória. Os acusadores já apresentam a situação proferindo a pena que a Lei de Moisés imputa para “tais” mulheres: o apedrejamento até à morte. O narrador informa que faziam isso para que tivessem com o que acusar Jesus.

Era uma situação realmente muito delicada: caso absolvesse a mulher, Jesus estaria incorrendo contra a lei mosaica; se aprovasse o seu apedrejamento, ele estaria rompendo com as autoridades romanas que haviam proibido o lapidamento. Jesus responde de maneira inesperada, pois ordena que “o sem pecado” atire a primeira pedra (v.7e). Ele recorre à Lei para condenar aqueles que querem também aplicar a letra da Lei para agir de má fé, pois não estavam interessados no pecado da mulher. Ela servia apenas como um instrumento para que pudessem atingir seu objetivo maior: acusar e matar um determinado inocente,

Jesus. Os escribas e fariseus queriam ferir a mulher com a pedra, mas suas consciências é que foram atingidas pela “Lei inscrita na pedra”. O pecado destrói a vida humana, porém somente a graça e a misericórdia de Deus são capazes de restaurar aqueles que querem deixar o pecado. Jesus combate a covardia daqueles homens. A perícopos joanina revela pedagogias totalmente diferentes: enquanto os escribas e os fariseus propõem a dureza da pedra, Jesus indica que o caminho é o perdão e não a pedrada.

Por isso, neste artigo propõe-se realizar um estudo exegético da perícopos Jo 7,53 – 8,11, oferecendo segmentação e tradução, realçando alguns elementos de crítica textual, a partir de algumas variantes que se considera como mais relevantes para uma melhor compreensão do texto bíblico; em seguida, trabalha-se a estrutura, a crítica das formas e o gênero literário, para, finalmente, realizar o comentário exegético do texto bíblico. Cada um dos passos é muito importante para melhor compreender a narrativa, os diálogos, seus sujeitos e objetos, e continuar ajudando o leitor e o ouvinte hodiernos a melhor entender toda a trama e seu desfecho, mas sobretudo a proposta de superação da hipocrisia e a misericórdia como caminho para a falta de perdão que ainda impera no mundo.

1. Segmentação e tradução de Jo 7,53 – 8,11

A segmentação, a tradução e as notas de crítica textual referentes à perícopos de Jo 7,53 – 8,11³ revelam a beleza e a unidade temática deste texto joanino. Todo o vocabulário empregado para a sua construção revela o zelo de João para com a comunidade, em um diálogo de grande relevância entre autor e seus leitores, sobretudo pensando no que a comunidade devia estar enfrentando em termos de não coerência com a prática do que o mestre havia pregado e deixado acerca dos riscos da hipocrisia e do valor do perdão. Todo este exercício ajuda a perceber os movimentos e nuances

³ Texto extraído da edição Nestle-Aland, eds., *Novum Testamentum Graece*, ed. XXVIII, (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012).

de cada termo empregado no texto, sobretudo de seus verbos, campos semânticos e elementos retóricos. Seu autor conhece as necessidades de seus irmãos e irmãs de comunidade e as têm presente em seu agir pastoral. Tudo isso auxilia na busca de uma possível estrutura do texto e em sua compreensão bíblico-teológico-pastoral.

Καὶ ἐπορεύθησαν ἕκαστος εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ,	753	E foram cada um para sua casa.
Ἰησοῦς δὲ ἐπορεύθη εἰς τὸ ὄρος τῶν ἐλαιῶν.	81	Mas ⁴ Jesus foi para o Monte das Oliveiras
Ὁρθρου δὲ πάλιν <u>παρεγένετο</u> εἰς τὸ ἱερόν	2a	E então, de madrugada, novamente, foi para o templo
καὶ πᾶς ὁ λαὸς ἤρχετο πρὸς αὐτόν,	2b	e todo o povo vinha a ele
καὶ <u>καθίσας</u>	2c	E sentando-se
<u>ἐδίδασκεν</u> αὐτούς.	2d	ensinava-lhes
Ἄγουσιν δὲ οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι	3a	Trazem, então, os escribas e fariseus
γυναῖκα ἐπὶ μοιχείᾳ <u>κατελημμένην</u>	3b	uma mulher apanhada em adultério
καὶ <u>στήσαντες</u> αὐτὴν ἐν μέσῳ	3c	e colocando-a no meio
<u>λέγουσιν</u> αὐτῷ	4a	dizem-lhe:
<u>διδάσκαλε</u> , αὕτη ἡ γυνή <u>κατεληπται</u>	4b	“ Mestre , esta mulher foi apanhada
ἐπ’ αὐτοφώρῳ μοιχευομένη	4c	no próprio ato cometendo adultério
ἐν δὲ τῷ νόμῳ ἡμῶν Μωϋσῆς <u>ἐνετείλατο</u>	5a	e na Lei, Moisés nos ordenou
τὰς τοιαύτας <u>λιθάζειν</u> .	5b	apedrejar as tais (mulheres)
σὺ οὖν τί <u>λέγεις</u> ;	5c	Tu, pois, o que dizes?”
τοῦτο δὲ <u>ἔλεγον</u>	6a	Mas diziam isto
<u>πειράζοντες</u> αὐτόν	6b	testando-lhe

⁴ A partícula δὲ é marcador de ênfase relativamente fraca; na tradução, ora será usado “então”, “e” ou ainda “mas” para a língua de chegada. Sobre δὲ, ver: Johannes Petrus Louw y Eugene A. Nida, *Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains* (New York: United Bible Societies, 1996), 1007.

ἵνα ἔχωσιν	6c	para que tivessem (com o que)
κατηγορεῖν αὐτοῦ.	6d	acusá-lo
ὁ δὲ Ἰησοῦς κάτω κύψας	6e	Mas Jesus inclinou-se ⁵
τῷ δακτύλῳ κατέγραφεν εἰς τὴν γῆν.	6f	com o dedo escrevia na terra.
ὥς δὲ ἐπέμενον	7a	Mas como insistiam
ἐρωτῶντες αὐτόν,	7b	perguntando-lhe,
ἀνέκυψεν	7c	levantou-se
καὶ εἶπεν αὐτοῖς	7d	e disse-lhes:
ὁ ἀναμάρτητος ὑμῶν πρῶτος ἐπ’ αὐτὴν βαλέτω λίθον.	7e	“O sem pecado dentre vós, seja o primeiro a jogar uma pedra contra ela”.
καὶ πάλιν κατακύψας	8a	E, novamente abaixando-se,
ἔγραφεν εἰς τὴν γῆν.	8b	escrevia na terra
οἱ δὲ ἀκούσαντες	9a	Mas eles, tendo ouvido,
ἐξήρχοντο εἰς καθ’ εἷς	9b	saíam, um a um
ἄρξάμενοι ἀπὸ τῶν πρεσβυτέρων	9c	começando pelos mais velhos
καὶ κατελείφθη μόνος	9d	e foi deixado só.
καὶ ἡ γυνὴ ἐν μέσῳ οὔσα.	9e	E a mulher estando [continuava] no meio.
ἀνακύψας δὲ,	10a	Levantando-se, então.
ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῇ	10b	Jesus disse a ela:
γύναι, ποῦ εἰσιν;	10c	“ Mulher , onde estão?”
οὐδεὶς σε κατέκρινεν;	10d	Ninguém te condenou?”
ἡ δὲ εἶπεν	11a	Então, ela disse:
οὐδεὶς, κύριε.	11b	“Ninguém, Senhor”.
εἶπεν δὲ ὁ Ἰησοῦς	11c	E disse-lhe Jesus :
οὐδὲ ἐγὼ σε κατακρίνω	11d	“ Nem eu te condeno
πορεύου,	11e	Vai
[καὶ] ἀπὸ τοῦ νῦν μηκέτι ἀμάρτανε.	11f	[E], a partir de agora, não peques mais”.

⁵ Privilegia-se a tradução do verbo “κάτω” como inclinar-se neste versículo e no v. 8a como abaixar-se, pois entende-se a continuidade da ação de Jesus que primeiro inclina-se e depois abaixa-se.

2. Crítica Textual

Segundo o Aparato Crítico da 28ª edição do Novo Testamento de Nestle-Aland, alguns manuscritos antigos do Evangelho de João omitem esta seção e outros a posicionam no Evangelho de Lucas ou trocam sua ordem no Evangelho de João. Por isso, o texto aparece entre colchetes duplos – [[]] –, o que indica que o texto normalmente não faz parte do texto original. Porém, na não certeza, o comitê avaliativo prefere deixar no texto, visto o valor para a sua transmissão histórica. Assim se lê na Introdução do Novo Testamento de NA28 acerca das informações sobre a leitura de seu Aparato Crítico:

Colchetes duplos dentro do texto ([[]]) indicam que o texto ali contido, geralmente mais longo, não faz parte do texto original. Esses textos derivam de um estágio bem antigo da tradição, e, em muitos casos, tiveram um papel importante na história da igreja, razão pela qual não foram transferidos ao aparato crítico (veja, por exemplo, Jo 7,53 – 8,11)⁶.

Há de se observar que a descrição oferece como exemplo exatamente o texto da perícopé joanina em questão, objeto de nosso artigo (Jo 7,53 – 8,11), o que ajuda ainda mais na compreensão do exemplo e do estudo. Outro dado importante, do conhecimento comum, é que este texto foi acolhido pela Tradição e é considerado como inspirado. O cânon das Escrituras foi “fechado” no final do século IV. O Concílio de Trento, no século XVI, quando confirmou o cânon bíblico sustentou que era o mesmo que a Igreja havia recebido e constava na antiga versão da Vulgata, com todos os seus livros, sem nada tirar ou acrescentar, “tal como costumavam ser lidos na Igreja Católica e estão contidos na antiga edição latina da Vulgata”⁷, inclusive com a perícopé da mulher adúltera

⁶ Cf. Nestle-Aland eds., *Novum Testamentum Graece*....

⁷ Cf. Waldecir Gonzaga, *Compêndio do Cânon Bíblico* (Rio de Janeiro: PUC – Petrópolis: Vozes, 2019), 317; cf. Scott Hahn y Curtis Mitch, *O Evangelho de São João* (Campinas: Ecclesiae, 2015), 57.

(Jo 7,53 – 8,11), que foi acolhida no cânon tal como constava na Vulgata⁸, sem nada alterar da antiga tradição bíblica dos primeiros séculos e da decisão do fechamento do cânon, confirmada também pela 28ª edição do Novo Testamento de NA28 que, embora entre colchetes duplos – [[]] –, continua trazendo o texto, visto seu valor para a história da transmissão do texto e sua não plena certeza acerca de sua antiguidade.

Aqui são apresentadas algumas evidências externas e internas da crítica textual e se vê uma certa solidez sobre a evidência para se afirmar sua origem não joanina. Quanto à crítica externa, o texto é *omitido* na maioria dos códices gregos maiúsculos e minúsculos mais antigos, bem como por alguns Padres da Igreja: ϕ^{66.75} & A^{vid} B C^{vid} L^c N T W Δ^c Θ Ψ 0141. 0211. 33. 131. 565. 1241. 1333. 1424^{txt}. 2768 a f l q sy as ly pbo bo^{pt}; Or Hier^{mss9}. Aparece pela primeira vez no código Beza¹⁰. O texto íntegro não está no papiro Bodmer II (ϕ⁶⁶) e nem no Bodmer (ϕ⁷⁵)¹¹. Os códices A e C não apresentam esta parte em João; porém existem lacunas no manuscrito, visto que estão faltando algumas páginas. Segundo Metzger, é bem provável que nenhum deles continha a perícopé, pois estudos revelam que não haveria espaço suficiente nas

⁸ Jo 7,53–8,11 (Vulgata): “⁵³et reversi sunt unusquisque in domum suam ¹lesus autem perrexit in montem Oliveti ²et diluculo iterum venit in templum et omnis populus venit ad eum et sedens docebat eos ³adducunt autem scribae et Pharisei mulierem in adulterio deprehensam et statuerunt eam in medio ⁴et dixerunt ei magister haec mulier modo deprehensa est in adultério ⁵in lege autem Moses mandavit nobis huiusmodi lapidare tu ergo quid dicis ⁶haec autem dicebant temptantes eum ut possent accusare eum lesus autem inclinans se deorsum digito scribebat in terra ⁷cum autem perseverarent interrogantes eum erexit se et dixit eis qui sine peccato est vestrum primus in illam lapidem mittat ⁸et iterum se inclinans scribebat in terra ⁹audientes autem unus post unum exiebant incipientes a senioribus et remansit solus et mulier in medio stans ¹⁰erigens autem se lesus dixit ei mulier ubi sunt nemo te condemnavit ¹¹quae dixit nemo Domine dixit autem lesus nec ego te condemnabo vade et amplius iam non li peccare”.

⁹ Cf. Nestle-Aland, eds., «Aparato crítico», *Novum Testamentum Graece*....

¹⁰ Cf. Samuel Pérez Millos, *Juan: comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento* (Barcelona: CLIF, 2016), 797.

¹¹ Cf. Pérez Millos, *Juan*..., 798.

folhas que faltavam para incluir a seção junto com o restante do texto¹². A seção apresenta um asterisco (*) em outros códices maiúsculos, que indica dúvidas sobre a autenticidade, como em E M S D e em muitos minúsculos¹³.

No Oriente, a passagem não faz parte da forma mais antiga da versão siríaca, não consta nas versões saídica e subacmímica, nem nos manuscritos mais antigos da versão boairica. Alguns manuscritos armênios e as antigas versões georgianas também omitem essa perícopel¹⁴. No Ocidente, a passagem está ausente da versão gótica e de vários manuscritos das versões latinas antigas, como *a*, *f*, *l* e *q*. Nenhum Padre da Igreja Grega antes de Eutímio Zigabeno (século XII) comenta a passagem, e Eutímio declara que as cópias exatas do Evangelho de João não a contém. Muitos comentaristas gregos como Orígenes, Crisóstomo, Cirilo e Teodoro de Mopsuéstia, não comentam esta seção. Eles passam de Jo 7,52 para Jo 8,12¹⁵.

Quanto às evidências internas, constata-se que o estilo e o vocabulário da seção, no emprego da língua grega, diferem bastante e visivelmente do restante do IV Evangelho. Esta seção interrompe a sequência de Jo 7,52 e Jo 8,12ss. Parece evidente que sua autoria não seja, de fato, joanina¹⁶. O texto contém várias palavras que não se encontram em nenhum outro escrito joanino, o que por si só não comprova nada, mas indica uma possível “não compilação” do autor original. A presença de muitas variantes textuais indica falta de firmeza no texto. Isto se confirma pela posição desta seção em diferentes lugares na Sagrada Escritura. Por outro lado, a perícopel Jo 7,53 – 8,11 está presente em vários códices gregos maiúsculos, entre eles

¹² Cf. Bruce Manning Metzger, *A textual commentary on the Greek New Testament* (New York: United Bible Societies, 1971), 219-220.

¹³ Cf. Pérez Millos, *Juan...*, 797.

¹⁴ Cf. Roger L. Omanson, *Variantes textuais do Novo Testamento* (Barueri: Sociedad Bíblica do Brasil, 2010), 183; Pérez Millos, *Juan...*, 798.

¹⁵ Cf. Pérez Millos, *Juan...*, 798.

¹⁶ Cf. Omanson, *Variantes textuais...*, 184.

D, porém uma característica deste códice é a presença de muitas adições. Outros códices gregos maiúsculos têm a condição de serem mais recentes, com variações na colocação do relato. Mas o número de manuscritos favoráveis também é significativo, a saber: D K L^{*vid} Γ Δ^{*vid} 118. 174. 209. 579. 700. 892.; também é sustentado pelo texto ℞ e por algumas versões lat bo^{pl}; por Hier^{mss} (c. *obel.* 230. 1424^{mg}); alguns manuscritos trazem em outros lugares, depois de: p. 7,36 225; p. 21,25 l. 1582; p. L 21,38 f¹³.¹⁷ A isso, acrescente-se ainda o fato de que a narrativa da perícopes Jo 7,53 – 8,11 se harmoniza com o contexto imediato após a discussão e incidente de Jesus com os oficiais de justiça, servindo bem como introdução ao discurso que se dá a partir de Jo 8,12ss. Jesus se apresenta como Salvador que não veio para condenar, mas para salvar os pecadores, como é o caso da mulher “pega em flagrante adultério”.

Em um campo oposto, algumas “evidências” confirmam a autenticidade e autoria do relato como joanino¹⁸. Por exemplo, alguns estudiosos consideram que o relato carrega marcas da veracidade histórica e comentam que se trata de uma peça de tradição oral que circulou em certas partes da Igreja Ocidental, sendo posteriormente incorporada em vários manuscritos e em vários lugares.¹⁹ Parece que a história era conhecida já no séc. I, pois Papias, discípulo de João, tinha conhecimento dela e a explica²⁰. Paciano também cita a passagem como parte do Evangelho segundo João, antes do ano 304 d.C. Ambrósio também menciona a passagem e Jerônimo afirma que ela aparece em códices gregos e latinos. Agostinho é o maior defensor da autenticidade da passagem. Ele diz que a passagem é retirada do manuscrito porque temiam que as mulheres recorressem a essa história como desculpa

¹⁷ Cf. Nestle-Aland, eds., «Aparato crítico», *Novum Testamentum...*; cf. Donald Arthur Carson, *The Gospel according to John* (Michigan: Leicester-Eerdmans Publishing Group, 1991), 259.

¹⁸ Cf. Pérez Millos, *Juan...*, 798-800.

¹⁹ Cf. Omanson, *Variantes textuais...*, 184.

²⁰ Cf. Pérez Millos, *Juan...*, 798.

para sua infidelidade; o que não pode ser totalmente descartado, como possibilidade²¹.

Os códices Regius (L) e o Delta (D) deixam um grande espaço em branco entre o versículo final do capítulo sétimo e o décimo segundo do capítulo oitavo do Evangelho de João. Isto seria algo inexplicável se o copista não soubesse da existência de um parágrafo que ele sabia existir, mas por algum motivo omitiu ou pulou²².

Todos esses fatores sugerem que a história não se originou com o restante do IV Evangelho. Em vez disso, assemelha-se a histórias de conflito encontradas nos Evangelhos Sinóticos. A Igreja recebe este texto como Escritura inspirada e o proclama liturgicamente no quinto domingo da Quaresma do Ano C²³.

Uma vez que o texto parece ser uma interpolação, o trabalho de avaliação da crítica textual não busca a identificação de sua ligação com um texto original, visto que é evidente a sua inserção posterior. Mas visa-se, neste sentido, entender que o texto foi conservado e que versões mais curtas foram preenchidas por elementos explicativos posteriores.

2.1. Elementos de crítica textual

v.8,3: onde o NA28 traz “γυναῖκα ἐπὶ μοιχείᾳ/mulher em adultério”, o manuscrito D traz “ἐπι αμαρτια γυναικα/mulher em pecado”. Como são poucos os testemunhos (D 1071) que substituam o termo “adultério” por “pecado”, elemento menos específico, opta-se pelo texto diplomático de NA28²⁴.

²¹ Cf. Pérez Millos, *Juan...*, 798.

²² Cf. Pérez Millos, *Juan...*, 798.

²³ Cf. Francis Martin y William M. Wright, *The Gospel of John* (Michigan: Baker Academics, 2015), 155.

²⁴ Cf. Bruce Manning Metzger, *A textual commentary...*, 222.

v.8,7b: trata-se do intervalo de palavras, apresentado pela edição de NA28, entre “αὐτόν/α ele” e “αὐτοῖς/eles”. Alguns poucos testemunhos omitem “αὐτόν/α ele”, provavelmente, por julgá-lo desnecessário, enquanto outros substituem “αὐτοῖς/eles” pela locução preposicional “πρὸς αὐτοὺς/para eles”. Percebe-se que mesmo existindo uma forma mais curta, posterior, o texto possui sentido em si mesmo, correspondendo à outras seções nas quais “αὐτόν/α ele” é explicitado, portanto, não parece haver necessidade de correções ou adições ao que foi trazido pelo texto diplomático de NA28²⁵.

v.8,9ab: sobre os complementos à expressão “οἱ δὲ ἀκουσαντες ἐξήρχοντο εἰς καθ’ εἰς/e tendo ouvido/mas ao ouvi-lo eles começaram a sair um a um”, tudo indica que copistas continuaram a fazer acréscimos ao texto básico da história da mulher adúltera. O *textus receptus* acrescenta a afirmação de que aqueles que acusaram a mulher foram “καὶ ὑπὸ τῆς συνειδήσεως ἔλεγχόμενοι ἐξήρχοντο εἰς καθ’ εἰς/e acusados pela própria consciência foram saindo um a um”²⁶. Como esta informação é atestada por poucos manuscritos, de um período muito mais recente, prefere-se o texto conforme consta em NA28.

v.8,9c: onde o texto de NA28 traz “πρεσβυτέριον/mais velhos”, a leitura do termo “πρεσβυτερίου/anciãos” foi ampliada pelo acréscimo de locuções e frases como “ἕως τῶν ἐσχάτων/até aos últimos” e “assim que todos saíram”, indicando que todos aqueles que acusaram a mulher foram embora. Os acréscimos não alteram o entendimento do texto, além de se tratarem de acréscimos (interpolações), por isso concorda-se com o texto diplomático de NA28, até mesmo porque a *lectio brevior potior* (a leitura mais curta é preferível) e parece ser a mais coerente²⁷.

²⁵ Cf. Omanson, *Variantes textuais...*, 185.

²⁶ Cf. Nestle-Aland, eds., «Aparato Crítico», *Novum Testamentum Graece...*

²⁷ Cf. Waldecir Gonzaga, «A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia», em *Exegese, teologia e pastoral, relações, tensões e desafios*, ed. por Isidoro Mazzarollo, Leonardo Agostini Fernandes y Maria de Lourdes Corrêa Lima, (Rio de Janeiro: PUC-Rio – Santo André: Academia Cristã, 2015), 221; Omanson, *Variantes textuais...*, 185.

v.8,10b: sobre acréscimos ao nome de “Ἰησοῦς/Jesus”, o aparato crítico indica acréscimos à informação que se refere a Jesus e à mulher a sós, tais como “e não vendo a ninguém senão a mulher”, podendo indicar uma *lectio corrigenda*, que por si só já não é a preferida²⁸. O texto diplomático é compreensível por si só, sendo este acréscimo posterior e desnecessário para a compreensão do texto, portanto, a opção pelo texto acadêmico parece ser mais plausível, concordando com o texto de NA28²⁹.

v.8,10c: onde o texto diplomático traz “που εἰσιν/onde estão”, o *textus receptus* e alguns poucos manuscritos acrescentam “εκεῖνοι οἱ κατήγοροί σου/aqueles teus acusadores”. O acréscimo é posterior, tratando-se de uma interpolação, e mesmo não alterando o entendimento do texto diplomático, não deve ser considerado como uma opção que remonta a um texto mais antigo. Além disso, *lectio brevior potior* (a leitura mais curta é preferível)³⁰.

3. Delimitação e estrutura literária

3.1. Delimitação

A perícopre Jo 7,53 – 8,11 encontra-se inserida no macro conjunto de Jo 7,14–8,59³¹, em que Jesus está em Jerusalém para a festa dos Tabernáculos e ensina no templo, ambiente que trará à tona controvérsias e proclamações. A revelação pública de Jesus produz um ambiente de tensão. Neste bloco é narrada uma série de acontecimentos que convergem para o conflito de Jesus com os seus opositores (escribas e fariseus). Ele sobe à festa escondido e neste lugar é procurado pelos seus

²⁸ Cf. Gonzaga, «A Sagrada Escritura...», 221-222.

²⁹ Cf. Omanson, *Variantes textuais...*, 185.

³⁰ Cf. Gonzaga, «A Sagrada Escritura...», 185.

³¹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lettura dell'Evangelo secondo Giovanni* (Torino: San Paolo, 2007), 45.

adversários. No meio da festa, Jesus começa a ensinar no templo e ali fala de sua origem. No último dia da festa, Jesus chama àqueles que têm sede de água viva e lhes faz a promessa de que ele é a fonte de água viva (Jo 8,37-39). Após as reações à declaração de Jesus, tem-se inserido o relato da mulher adúltera (Jo 7,53 – 8,11), que constitui uma mudança temática, pois o tema da Festa dos Tabernáculos [*Sukot*] continua em Jo 8,12-59. Na festa, Jesus se autoproclama “luz do mundo” (Jo 8,12), apresentado como juiz (Jo 8,15-16)³²; há uma série de discursos mistos em que os fariseus discutem com Jesus sobre o seu testemunho (Jo 8,13-14), sua identidade (Jo 8,21-30), sobre Abraão e a sua paternidade (Jo 8,31-59). As acusações dos judeus (Jo 8,52) culminam numa tentativa frustrada de apedrejamento do próprio Jesus (Jo 8,59).

3.2. Contexto antecedente próximo

Pode-se dizer que a seção de Jo 7,53 – 8,11, considerada como uma interpolação, conforme atesta a crítica textual, não pode ser considerada como parte do Evangelho original de João e sim uma inserção posterior³³. Há aqui uma quebra no desenvolvimento da narrativa, pois o relato divide a ação de um dia na vida de Jesus em duas partes.

No contexto antecedente próximo (Jo 7,45-52)³⁴, surgem novos personagens, temática nova e há mudança geográfica. Os personagens de Jo 7,45-52 são os guardas, os chefes dos sacerdotes, os fariseus, Nicodemos; em Jo 7,53 – 8,11, os personagens são Jesus, a multidão, os escribas, os fariseus e a mulher. A temática de Jo 7,45-52 traz a prisão de Jesus malsucedida, a defesa de Nicodemos e a resposta agressiva dos

³² Cf. Raymond Edward Brown, *Comentário ao Evangelho segundo João* (Santo André: Academia Cristã – São Paulo: São Paulo, 2020), 605.

³³ Cf. J. Ramsey Michaels, *Novo comentário bíblico contemporâneo: João* (São Paulo: Vida, 1994), 156.

³⁴ Cf. George R. Beasley-Murray, *Word Biblical commentary: John* (Texas: Word Books Publisher, 1987), 117.

fariseus. Em Jo 7,53 – 8,11, o tema gira em torno da mulher apanhada em adultério que é trazida até Jesus pelos escribas e fariseus. Eles fazem uma pergunta artilosa para testar Jesus e pô-lo à prova, sempre com intenção de matá-lo. Quanto ao espaço, em Jo 7,45-52, a cena se passa provavelmente no templo, na festa dos Tabernáculos, onde os guardas estão perante os chefes dos sacerdotes e dos fariseus. Em Jo 7,53, Jesus vai para o Monte das Oliveiras e a multidão vai para casa. Este, claramente, é um versículo de transição, abrindo a pericope com uma informação temporal, a saber, que no dia seguinte Jesus vai cedo para o templo.

3.3. Contexto posterior próximo

No contexto posterior próximo, nota-se uma mudança temática, pois Jesus começa a autoproclamar-se “luz do mundo”, revelando sua identidade. Em Jo 7,53 – 8,11 todos saíram de cena, só restando Jesus e a mulher, e com o diálogo deles conclui-se o episódio da mulher adúltera. Em Jo 8,13 Jesus fala a “eles”; provavelmente sua fala se dirige à multidão presente no v.40, o que denota uma mudança de personagens e de tema.

Em síntese, a seção localiza-se num trecho que divide o discurso de Jesus à multidão em duas partes: Jesus se autoproclama água viva e luz do mundo. Ambas situações são ligadas majoritariamente a textos veterotestamentários proféticos e sapienciais: ao fazer a promessa sobre a água viva, Jesus remete a Pr 1,20; Is 55,1-3.44,3; e quando diz ser a luz do mundo, refere-se a Ex 13,21; Sl 27,1; 36,10; 89,16; Sb 7,26; Is 9,1; 60,19.

Percebe-se que Jo 7,53 – 8,11 é uma unidade literária e redacional consistente, mas que, como seção, foi inserida no texto joanino posteriormente. Pode-se dizer que é uma unidade textual que

possivelmente se trata de uma peça de tradição oral que circulou em certas partes da Igreja Ocidental e que foi posteriormente incorporada em vários manuscritos e em vários lugares, fazendo com que fosse definitivamente inserida no cânon do Novo Testamento, pertencente ao *corpus* do IV Evangelho³⁵.

3.4. Estrutura e forma retórica

Na maior parte dos comentários, a seção ocorre estruturada de forma muito similar. Dentre várias, compartilhamos algumas, para ajudar a ter uma ideia de como tem sido dividida e trabalhada, desde o século XX:

1) Moloney e Zumstein estruturam a seção em³⁶:

- a) 7,53–8,2: exposição ou introdução.
- b) 8,3-6a: caso apresentado a Jesus pelos escribas e fariseus.
- c) 8,6b-9: a resposta de Jesus aos acusadores (escribas e fariseus).
- d) 8,10-11: diálogo entre Jesus e a mulher.

2) Beutler propõe a seguinte divisão³⁷:

- a) 7,53–8,2: introdução.
- b) 8,3-6b: narra-se o inquérito dos escribas e fariseus.
- c) 8,6c-8: reação de Jesus.
- d) 8,9-1: conclusão da narrativa.

³⁵ Cf. Omanson, *Variantes textuais...*, 184.

³⁶ Cf. Francis J. Moloney, *Il Vangelo di Giovanni* (Torino: Elledici, 2007), 225-226; Jean Zumstein, *Il Vangelo secondo Giovanni* (Torino: Claudiana, 2007), 374.

³⁷ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Estella (Navarra): Verbo Divino, 2016), 204-205.

3) A estrutura de Niccaci e Bataglia³⁸:

- a) 7,53–8,2: introdução.
- b) 8,3-6a: o fato e a pergunta dos acusadores.
- c) 8,6b-8: a resposta de Jesus.
- d) 8,9: a partida dos acusadores.
- e) 8,10-11: o diálogo entre Jesus e a mulher.

A estrutura adotada no presente estudo, mesmo seguindo de perto a apresentada por Nicacci e Bataglia (que separam o v.9, onde é apresentada a cena do afastamento dos acusadores da mulher), destaca alguns elementos, formando uma estrutura própria, com algumas particularidades que eles não apresentam, esmiuçando o texto, a saber:

a) Jo 7,53–8,2: introdução

Cada um volta para sua casa (7,53)

Jesus vai para o Monte das Oliveiras (8,1)

Ao amanhecer, Jesus e o povo voltam ao templo (8,2ab)

Jesus senta-se para ensinar o povo (8,2cd)

b) Jo 8,3-6d: o fato e a pergunta dos acusadores

Os escribas e os fariseus trazem uma mulher (8,3a)

A mulher é acusada de cometer adultério (8,3b)

A mulher é trazida para o meio da cena (8,3c)

Exposição da acusação para Jesus (8,4a-c)

A Lei de Moisés ordena o apedrejamento (8,5ab)

Indagação sobre a posição de Jesus (8,5c)

³⁸ Cf. Alviero Niccaci y Oscar Battaglia, *Comentário ao Evangelho de São João* (Petrópolis: Vozes, 2000), 140.

Armadilha dos acusadores (8,6a-d)

c) Jo 8,6e-8, 7e: a resposta de Jesus

Jesus inclina-se, escreve na terra com o dedo (8,6ef)

Insistência dos escribas e fariseus (8,7ab)

Jesus levanta-se e responde (8,7cd)

A resposta: o sem-pecado, que atire a primeira pedra (8,7e)

d) Jo 8,9ad: partida dos acusadores

Jesus inclina-se, escreve na terra (8,9a)

Os acusadores escutam e partem (8,9ab)

A começar pelos mais velhos (8,9c)

Jesus é deixado pelos escribas e fariseus (8,9d)

e) Jo 8,9e-11: o diálogo entre Jesus e a mulher

A mulher permanece no meio (8,9e)

Jesus pergunta à mulher onde estão os acusadores (8,10c)

Quer saber se ninguém a condenou (8,10d)

A mulher lhe responde que não, e chama Jesus de Senhor (8,11b).

Jesus também não a condena (8,11cd).

Jesus despede-a e ordena a não mais pecar (8,11ef).

3.5. Estrutura retórica

53	E	<i>cada um</i>	voltou	para sua casa
1	E	Jesus	foi	para o monte das oliveiras
2	E	ao amanhecer	voltou	ao templo
	e	<i>todo o povo</i>	<i>vinha</i>	a ele
	E		sentando-se	
			ensinava-lhes	
3			Trazem	então
	os	escribas e fariseus		
	uma	MULHER	QUE FOI APANHADA	em adulterio
	E		colocando-A	no meio
4			dizem-lhe:	
	“Mestre,	esta MULHER	FOI APANHADA	no próprio ato
			Cometendo adulterio	
5	Na Lei,	Moisés	nos ordenou	
			apedrejar	as TAIS (mulheres)
		Tu pois,	o que dizes?”	
6	Mas		diziam isto	testando-lhe
			para que tivessem ^(com o que)	acusá-lo
	mas	Jesus	inclinou-se	escreva com o
				dedo na terra
7	E como		insistiam	perguntando-lhe
	quem de vocês		Levantou-se	e disse-lhes
	seja o PRIMEIRO		não tiver cometido	pecado
			a JOGAR	a PEDRA contra ELA
8			inclinando-se novamente	escrevia na terra
9	E		tendo ouvido	
			começaram	a sair UM a UM
			começando	desde os mais velhos
	E		foi deixado	só
	E	a MULHER	permanecia	no meio

10		Tendo se <i>levantado</i>	então.
	Jesus	disse	a ELA:
	“MULHER,	onde estão?	
	Ninguém	Te condenou?	
11	E ELA	disse:	
	“ Ninguém, Senhor ”.		
		Disse-lhe	
	Jesus: “Nem eu	Te condeno	
		Vai	
	E, a partir de agora,	não peques	mais”.

Na introdução (Jo 7,53-8,2), cada um volta para sua casa e Jesus vai para o Monte das Oliveiras. Na manhã seguinte, ele volta ao templo para ensinar (sentado) e o povo vem a ele. É de se notar que Jesus pernoita fora de Jerusalém, no Monte das Oliveiras, como também se lê nos Sinóticos (Mt 8,20; Lc 9,58). Pode-se especular que ali não era um “lugar seguro” e nem amistoso para ele (Jo 2,13-25).

Em seguida (Jo 8,3-6ad), a mulher apanhada em adultério é trazida pelos escribas e fariseus e colocada no meio da cena onde Jesus ensinava. A sua situação é exposta diante de todos os presentes. Os acusadores ditam a sentença contida na Lei para “tais” mulheres –morte por apedrejamento–, e perguntam a Jesus o que ele diz sobre a situação. O narrador indica que, na verdade, eles estavam interessados em testar Jesus criando-lhe uma armadilha, com intenções de colocá-lo à prova para, em seguida, matá-lo.

Em Jo 8,6e-8, Jesus não diz nenhuma palavra, apenas inclina-se e escreve na terra com o dedo. A atitude de Jesus não satisfaz seus interlocutores que perguntam insistentemente sobre sua opinião. Jesus, então, levanta-se, olhando para eles e para a mulher condenada sem

direito de defesa, impiedosa e maldosamente, e lhes afirma: aquele que dentre os presentes não tiver pecado pode ser o primeiro a executar a pena atirando a pedra na mulher. Ele torna a inclinar-se e escrever na terra. A resposta e a atitude de Jesus (Jo 8,6e-8) fazem com que todos se retirem, a começar pelos mais velhos (Jo 8,9). Jesus e a mulher ficam a sós. Ele se levanta e inicia um novo diálogo, agora libertador, misericordioso e restaurador (Jo 8,10-11). Ele pergunta à mulher onde estão seus algozes e se ninguém a havia condenado. Ao que ela lhe responde que não, e o chama de “Senhor” (v.11a). Ele a despede, afirmando que também não a condena e ordena-lhe que não mais volte pecar (v.11bc).

4. Análise das Formas

4.1. Movimento dos verbos

Analisando as formas verbais, nota-se a presença de verbos que expressam movimentos corporais. Estes ilustram a cena com mais precisão e fornecem mais dados ao leitor-ouvinte para que a cena descrita fique mais nítida.

καθίσας	(v.2c) sentando-se
στήσαντες αὐτήν ἐν μέσῳ	(v.3c) colocando-a no meio
κάτω κύψας	(v.6e) inclinou-se
ἀνέκυψεν	(v.7c) levantou-se
πάλιν κατακύψας	(v.8a) inclinou-se novamente
ἀνακύψας	(v.10a) <i>levantou-se</i>

Percebe-se que o texto é emoldurado pelo verbo “πορεύω/ir”, presente em Jo 7,53 e em Jo 8,1.11. Em Jo 7,53: “ἐπορεύθησαν ἕκαστος εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ /cada um *voltou* para sua casa”. Em Jo 8,1a Jesus *vai* “εἰς τὸ ὄρος/para o monte”, e em 8,2a, Jesus “foi novamente” (*voltou*) “εἰς τὸ ἱερόν/para o templo”. O texto se inicia com o deslocamento

da multidão e de Jesus; nota-se um padrão sintático no deslocamento dos personagens (“εις τὸ/para o”); em 8,2d, “ἐδίδασκεν/ensinava”, e em 8,4b, “διδάσκαλε/mestre”, estabelecem uma relação morfológica e semântica porque possuem a mesma raiz e a mesma conotação; em 8,6f, Jesus escreve com o dedo na terra; esta mesma ação de escrever na terra é repetida duas vezes em momentos de pausa e silêncio na cena; em 8,6f (“κατέγραφεν εἰς τὴν γῆν/escrevia na terra”) e em 8,8b (“ἔγραφεν εἰς τὴν γῆν/escrevia na terra”).

A maior incidência de orações verbais mostra que o texto é dinâmico com verbos associados ao narrador e às personagens, e podem ser classificados em:

Verbos de deslocamento	Ir/andar; vir; voltar; sair
Verbos de ações corporais de Jesus	Sentar-se; agachar-se; levantar-se; agachar-se novamente
Verbos de intenções dos personagens	Apedrejar (todos); atirar pedra (todos); condenar (todos); não condenar (Jesus); tentar; acusar (fariseus e escribas)
Verbos ligados ao ensino/debate	Ensinar; escrever (Jesus); perguntar; continuar (insistir) (Escribas e fariseus); dizer (responder) (fariseus escribas, Jesus e mulher); ouvir (Jesus, escribas e fariseus + mulher e o povo)
Verbos causativos	Trazer (fariseus e escribas); ser colocada no meio (mulher); ser deixado sozinho (Jesus)
Verbos de estado	Apanhada; cometer adultério; estar ao meio (mulher).

O texto encena um deslocamento de Jesus e da multidão na introdução (Jo 7,53–8,2b) e, no desenrolar da história, a mulher trazida, provavelmente pelos braços e colocada no centro da cena (v.3ac); a pergunta dos acusadores (v.5c), que querem pôr Jesus à prova (v.5c); e a insistência para obter uma resposta de Jesus, caracterizam um ambiente de tensão (v.7ab). No entanto, a atitude de Jesus de inclinar-se e desenhar na terra (vv.6f.8b) desempenha uma função de transição, pois com a sua resposta, o foco da questão sobre a atitude da mulher é desviado para a conduta moral dos personagens que se colocam de modo acusador.

4.2. Os elementos conjuntivos

As conjunções lógico-conectivas “καὶ/e” e “δὲ/mas/e/então” permeiam o texto dando-lhe unidade e coerência interna: “καὶ/e” ocorre em Jo 7,53;8,2^{2x}.3^{2x}.7.8.9^{2x} [no total de 10 vezes]; “δὲ/mas/e/então” ocorre em 8,2.3.5.6^{2x}.7.9.10.11^{2x} [no total de 11 vezes]. Percebe-se um uso bastante numeroso de tais conjunções, que reflete a forma de escrita, própria do autor ou da transmissão oral, como uma maneira de dar uma forma contínua à narrativa. Em um nível sintático, percebe-se que “δὲ/mas/e/então” só aqui tipicamente conecta as orações na narrativa (a partícula é encontrada em 8,1.2.3.5.7.9.10.11)³⁹.

4.3. Hápax Legoumena

O neologismo “ἀναμάρτητος/sem-pecado”, é um *hápax legoumenon*, e pode ser encarado como uma sentença proferida por Jesus com base na Torá: a primeira “λίθος/pedra” (v.7e)⁴⁰ deveria ser atirada pela testemunha e depois o povo poderia apedrejar a vítima (Dt 17,7; Lv 24,14); entretanto todos os homens são pecadores (Jr 17,13). Na segunda

³⁹ Cf. Andreas Köstenberger, *John (Baker exegetical commentary on the New Testament)* (Michigan: Grand Rapids, 2004), 245.

⁴⁰ A raiz de λιθ- encontra-se no v.5b, como forma verbal, no infinitivo “λιθάζειν/apedrejar”; e como substantivo, encontra-se no v.7e, “λίθον/pedra.

vez que Jesus escreve (v.8b), presume-se que ele poderia ter recorrido ao texto de Ex 23,7, que trata do comportamento da testemunha perante o réu. Com sua resposta, Jesus evidencia que a maldade dos corações constituía uma declaração de nulidade para a condenação (da mulher e dele), uma vez que se encontravam inaptos a executar a própria lei que estavam tão ansiosos para cumprir⁴¹.

O tema do adultério não é abordado em nenhum outro lugar do IV Evangelho, o que explica que o verbo e o substantivo para se indicar que alguém cometeu “adultério” estão limitados ao presente contexto. Em segundo lugar, a forma verbal κύψας (um particípio aoristo ativo nominativo singular do verbo κύπτω), que descreve Jesus “inclinando-se” e “levantando-se”, representa outro *hapax legoumenon* no IV Evangelho: κύπτω, ἀνακύπτω e κατακύπτω⁴². A expressão “ἀναμάρτητος/sem-pecado” também pode ser explicada como exclusiva para o presente contexto⁴³.

Nota-se uma propensão para prefixos verbais κατα – que, neste caso, indica uma ação de baixar-se –, entre o vocabulário não-joanino na presente perícopie (καταγράφω, κατακύπτω, καταλείπω, κατακρίνω), o que parece incomum.

Em certos momentos, parece até haver contra evidência sugerindo possível autoria joanina da perícopie. Um caso em questão é a formulação quase idêntica de 6,6a: “τοῦτο δὲ ἔλεγεν πειράζων αὐτόν/mas dizia isto testando-lhe” e 8,6a: “τοῦτο δὲ ἔλεγον πειράζοντες αὐτόν/mas diziam isto testando-lhe”⁴⁴.

⁴¹ Cf. William Hendriksen, *The Gospel according to John*, vol. II (Michigan: Baker Groups, 1983), 282.

⁴² Cf. Köstenberger, *John...*, 245.

⁴³ Embora termo semelhante ocorra em Jo 8,46: τίς ἐξ ὑμῶν ἐλέγχει με περὶ ἁμαρτίας; εἰ ἀλήθειαν λέγω, διὰ τί ὑμεῖς οὐ πιστεύετε μοι.

⁴⁴ Cf. Köstenberger, *John...*, 245

4.4. Uso dos pronomes

O pronome pessoal, em terceira pessoa, ocorre 11 vezes no texto. A grande ocorrência destes pronomes pessoais (no singular e plural) evidencia os personagens da narrativa e, por consequência, o caráter narrativo atribuído ao texto.

a Jesus (terceira singular) – v.2b; v.4a; v.6b; v.6d; v.7b;
 ao povo (terceira singular/plural) – 7,53; v.2d;
 aos escribas e fariseus (terceira plural) – v.7d;
 à mulher (terceira singular) – v.3c; v.4b; v.10b.

Nota-se, entretanto, que a seção narrativa é entremeada por diálogos. Em 8,4b-5c há a fala dos acusadores; em 8,7e há a resposta/acusação de Jesus aos escribas e fariseus; em 8,10cd, Jesus fala com a mulher; em 8,10b, a mulher responde a Jesus; e, por fim, em 8,11df Jesus despede a mulher e lhe ordena de não mais pecar. Há quatro ocorrências de pronomes pessoais de segunda pessoa (três no singular e uma no plural) que mostram o caráter dialógico do texto:

Em referência a Jesus –	“o que tu dizes?” (v.5c);
dirigido aos escribas/fariseus –	“quem de vós” (v.7e);
Jesus fala à mulher –	“te condenou” (v.10d)
	“não te condeno” (v.11d).

4.5. Algumas conclusões

Parece ser provável que esta seção realmente não fazia parte da redação original de João, o que é amplamente atestado pela crítica textual. Todavia entrou no cânon e faz parte do IV Evangelho, desde os primeiros séculos, inclusive se encontra na Vulgata e foi confirmado por Trento⁴⁵. Com proveniência literária incerta, a perícopé apresenta caráter isolado e

⁴⁵ Cf. Hahn y Mitch, *O evangelho de São João...*, 57.

nota-se que a natureza da narrativa é muito mais sinótica⁴⁶. Embora este relato, possivelmente, não pareça ter sido parte do plano original do IV Evangelho, ele foi inserido ali e sua autoridade é reconhecida pela Igreja. É considerado um texto inspirado e, por isso, figura no Cânon⁴⁷.

Pode-se pensar que seria mais harmônico situá-lo após Lc 21,38, pois no terceiro Evangelho Jesus está na última semana de seu ministério e pernoita no Monte das Oliveiras, ensinando no templo durante o dia cercado de pessoas, respondendo os sacerdotes e fariseus acerca da Lei⁴⁸. Um dos motivos pelos quais alguns escritos posteriores o incluem em Lucas é devido ao estilo de narração que parece ser do terceiro evangelista. Segundo Malzoni⁴⁹, Jo 8,1-2 e Lc 21,37-38 são textos paralelos, o que teria favorecido a inserção de Jo 7,53 – 8,11 logo após Lc 21,38. A temática entre as perícopes é a mesma: Jesus acolhe uma pecadora.

Com relação à evidência interna, Köstenberger afirma que Morgenthaler conclui que quatorze das oitenta e duas palavras usadas nesta perícopa, ou seja 17%, são exclusivas de João. Algumas palavras não são encontradas em nenhum outro lugar deste Evangelho, a saber: ἐλαία (8,1); ὀρθρος (8,2); 8,3 μοιχεία (8,3); αὐτόφωρος, μοιχεύω (8,4); κύπτω, καταγράφω (8,6); ἐπιμένω, ἀνακύπτω, ἀναμάρτητος (8,7); κατακύπτω (8,8); πρεσβύτερος, καταλείπω (8,9); ἀνακύπτω (2x), κατακρίνω (8,10); κατακρίνω (8,11, 2x). Várias outras palavras ocorrem apenas uma ou duas vezes em outras partes do IV Evangelho. Para isso, deve ser adicionado à não ocorrência do vocabulário joanino padrão, como é o caso de conjunções e partículas, etc.: ἀλλά, ἐάν, ἐκ, ἡμεῖς, ἵνα μή, μαθητής, οἶδα, ὅς, ὅτι, ὕ⁵⁰. João também não menciona mais o

⁴⁶ Cf. Rudolf Schnackenburg, *Commentario teologico del Nuovo Testamento* (Brescia: Paideia, 1977), 225.

⁴⁷ Cf. Niccaci y Battaglia, *Comentário ao Evangelho de São João*, 139-140.M

⁴⁸ Cf. Michaels, *Novo comentário bíblico contemporâneo...*, 156.

⁴⁹ Cf. Cláudio Vianner Malzoni, *Evangelho segundo João* (São Paulo: Paulinas, 2018), 161.

⁵⁰ Cf. Köstenberger, *John...*, 245-250.

Monte das Oliveiras (8,1)⁵¹. Com base em sua história textual suspeita e seu amplo vocabulário não joanino, pode-se concluir que, de fato, a perícopes é uma interpolação⁵².

5. Gênero Literário

É um texto narrativo que contém uma disputa jurídica permeada por diálogos. Os elementos jurídicos do texto mostram que se trata de um julgamento, cujo verdadeiro pretexto era testar Jesus. Poderia ser classificado como *créia* que, segundo Berger⁵³, designa uma fala ou ação ocasionada na vida de uma pessoa importante pela situação, mas transcendendo-a; o *apoteigma* já é um subgênero da *créia*: nele costuma haver somente uma pessoa que pergunta e uma que responde.

Bultman qualifica o relato como “apoteigma apócrifo”⁵⁴. Este gênero requer o juízo de Jesus e ele responde com uma palavra que enlaça estreitamente com a situação. Segundo Beutler, a cena tem as características de uma polêmica ou debate sobre questões de direito, mas não se pode classificá-la neste gênero literário. Para ele, a história é antes um exemplo de *paradigma* ou *apoteigma*, pouco atestado em João, e que, na perícopes de 7,53 – 8,11, encontra seu clímax e conclusão na palavra de Jesus⁵⁵.

6. Comentário

a) 7,53-8,2: introdução

Jo 7,53 parece mostrar que a história estava originalmente ligada a alguma outra narrativa. Jesus vai para o Monte das Oliveiras, local não mencionado em outro lugar no IV Evangelho, embora o seja nos

⁵¹ Cf. Wilson Paroschi, *Crítica textual do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1993), 202.

⁵² Cf. Köstenberger, *John...*, 247.

⁵³ Cf. Klaus Berger, *As formas literárias do Novo Testamento* (São Paulo: Loyola, 1984), 87.

⁵⁴ Cf. Joseph Blank, *El Evangelio según San Juan, Tomo Primero b* (Barcelona: Herder, 1984), 123.

⁵⁵ Cf. Beutler, *Comentario al Evangelio de Juan*, 389.

Sinóticos⁵⁶. Uma multidão não especificada vai para casa, tendo em vista esta informação, pressupõe-se que Jesus ensinava aos habitantes de Jerusalém. Jesus volta ao templo onde torna a encontrar-se com “todo o povo” para ensinar⁵⁷. Jo 8,2a, “*πάλιν παρεγένετο*/veio novamente” (aqui traduzido por “voltou”) indica que a narrativa, da qual esta história foi extraída, inclui uma visita anterior ou visitas ao templo e também incluía uma referência ao ensino. Quando Jesus chegou ao pátio do templo, as pessoas continuavam vindo até ele; então ele se sentou e começou a ensiná-los⁵⁸.

b) 8,3-6d: o fato e a pergunta dos acusadores

O v.3 dá início à história da mulher apanhada em adultério. Os escribas e fariseus⁵⁹ agem com astúcia para testar Jesus, referem-se a ele como “*διδάσκαλε*/mestre” e lhe perguntam o que ele diria sobre a mulher que teria sido apanhada em flagrante adultério, uma vez que a Lei de Moisés prescrevia a morte por apedrejamento pela prática de tal delito⁶⁰. Embora a Torá prescrevesse um teste investigativo para casos suspeitos de adultério (Nm 5,12-31), aparentemente, a mulher é

⁵⁶ Lucas diz especificamente que Jesus se alojou no Monte das Oliveiras (Lc 21,37;22,39)

⁵⁷ No relato de Lucas, Jesus ensina repetidas vezes no templo (Lc 19,47; 20,1; 21,37) Cf. Schnackenburg, *Commentario Teologico...*, 226.

⁵⁸ Cf. Leon Morris, *The Gospel according to John* (Michigan: Grand Rapids, 1995), 914.

⁵⁹ O binômio escribas e fariseus não é típico em João. Em Mateus (7 ocorrências), em Marcos (3 ocorrências e em Lucas (5 ocorrências). João nunca se refere aos escribas em seu evangelho. Cf. Schnackenburg, *Commentario Teologico...*, 226.

⁶⁰ O decálogo condena o adultério, Ex 20,14; Dt 5,18. Em Lv 18,20, o adultério está incluído entre as proibições do casamento, é algo que o torna “impuro”. A pena é executada por apedrejamento, conforme Dt 22,23s; Ez 16,40. O adultério de um homem com uma mulher casada é severamente punido: os dois cúmplices são condenados à morte: Lv 20,10; Dt 22,22. Neste caso a prometida (noiva) é equiparada à esposa, Dt 22,23s, pois ela pertencia ao noivo como a mulher ao marido. A fidelidade conjugal é aconselhada ao marido em Pv 5,15-19, mas sua infidelidade não é punida, exceto no caso em que ele fere os direitos de outrem e tenha uma mulher casada como cúmplice. Em contraste com essa indulgência desfrutada pelo marido, a imoralidade da mulher casada está sujeita a punições severas. Cf. Roland de Vaux, *Instituciones del Antiguo Testamento* (Barcelona: Herder, 1976), 70-71.

culpada, pois, segundo os acusadores, ela teria sido apanhada no próprio ato cometendo adultério (v.4bc)⁶¹.

Os acusadores trazem a mulher e a colocam no meio da cena. Jesus estava ensinando sentado⁶², conforme faziam os mestres judeus, e os acusadores transformam o ambiente de ensino num ambiente forense. A ré é colocada no meio da cena entre a multidão e Jesus, que, segundo a armadilha dos promotores, faria papel de juiz. Jesus se esquivava de tal função.

Pelo que se sabe, os romanos tinham cassado do Sinédrio o direito de vida e de morte. Deste modo, os romanos haviam proibido os judeus de executar a pena de morte em casos previstos na lei judaica. A armadilha dos escribas e fariseus era fazer com que Jesus se posicionasse contra a lei de Moisés ou contra as autoridades romanas (Mc 12,13-17)⁶³. De um jeito ou de outro, Jesus estaria numa posição delicada. Os escribas e fariseus não se importavam com a opinião de Jesus, eles queriam que ele caísse em sua armadilha com suas próprias palavras. Eles armaram a cilada contra Jesus, pois queriam tentá-lo, a fim de que tivessem alguma acusação contra ele. O verbo “acusar” é aqui usado no sentido de “levar ao pecado”, uma vez que se Jesus defendesse a mulher estaria incorrendo contra a Lei de Moisés e se a acusasse, se posicionaria contra Roma. Ou seja, bem tramada a arapuca e seus algozes davam por certo que Jesus cairia na mesma e eles iriam obter o desfecho desejado: difamação, condenação e morte.

c) 8,6e-8: a resposta de Jesus

Jesus não reage de imediato. Ele inclina-se (v.6e) e escreve com o dedo na terra (v.6f). O detalhe de escrever com o dedo faz lembrar

⁶¹ Cf. Martin y Wright, *The Gospel of John*, 155.

⁶² O ensino de Jesus sentado pode ser testificado em Mc 4,1; Mt 5,1; Lc 5,3. Cf. Schnackenburg, *Commentario Teologico...*, 227.

⁶³ Cf. PHEME PERKINS, «Evangelho segundo João», em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, ed. por Raymond Edward Brown, Joseph A. Fitzmyer y Roland E. Murphy (São Paulo: Paulus, 2018), 776.

que duas vezes YHWH escreveu nas tábuas da Lei (Ex 24,12; 34,1), e escreveu com o dedo em Ex 31,18: “Quando ele terminou de falar com Moisés no monte Sinai, entregou-lhe as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra escritas pelo dedo de Deus.” Com base nestes textos do livro do Êxodo é possível inferir que Jesus tem autoridade para escrever a Lei novamente, como YHWH. Nesta perspectiva, a mulher não deve ser apedrejada e sim perdoada e advertida a não mais pecar⁶⁴.

Por um lado, os acusadores insistiam em perguntar, mas Jesus não cai na armadilha. Em vez disso, ele faz da cena de tribunal o seu próprio palco, “abaixa-se e com o dedo [escreve] na terra” (v.6f). Ao fazer isso, ele aumenta o suspense, acrescentando um “momento retardador” à cena. Jesus levanta-se e lança o desafio: os que não têm pecado que atirem a primeira pedra na mulher. Ele proclama sua sentença, condenando não a adúltera, mas seus acusadores, confundindo-os retoricamente. Jesus se coloca como a suprema autoridade julgadora⁶⁵.

Por outro lado, pode-se pensar que a resposta de Jesus não pretende dirimir as questões jurídicas da pena de morte contra a mulher. O parceiro da ré está ausente na cena, o que poderia tornar o processo inválido⁶⁶. Jesus frustra a investida maldosa dos seus acusadores uma vez que faz com que estes caiam em sua própria armadilha. Segundo a hipótese de Derett⁶⁷, a resposta de Jesus se refere à impecabilidade daqueles que iniciam o apedrejamento, ou seja, as próprias testemunhas, conforme Ex 23. Jesus mostra-lhes o importante assunto da desqualificação

⁶⁴ Cf. Malzoni, *Evangelho segundo João*, 161.

⁶⁵ Cf. Alan Rudrum y Julia Schatz, «The woman taken in adultery: a literary perspective on Christ's writing in John 8:1-12», *Connotations* (Tübingen) 31 (2022): 92.

⁶⁶ Há um caso precedente no Antigo Testamento que respaldaria a falta do parceiro na cena atestado em Dn 13,34-4, em que Suzana é injustamente condenada por adultério sem que se discriminasse seu parceiro ou local do ato.

⁶⁷ Cf. John Duncan M. Derrett, *Law in the New Testament* (Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2005), 179.

de testemunhas contidas neste texto⁶⁸. Em casos de morte por apedrejamento, a prescrição era que a mão das testemunhas deveria ser a primeira contra a vítima e depois, a de todo o povo (Dt 17,7; Lv 24,14). Os maldosos motivos dos acusadores não estão de acordo com a Lei, e por isso a inteligente resposta de Jesus devolve a questão aos seus interlocutores. Estes ficam sem saída diante da sua armadilha e frustrados na tentativa de condenação da mulher, com a finalidade de condenar a Jesus⁶⁹.

Segundo Perkins⁷⁰, alguns autores Patrísticos sugerem que a fala de Jesus tem respaldo em Jr 17,13: “todos os que te abandonam serão envergonhados, os que se afastam de ti serão escritos na terra, porque abandonaram a fonte de água viva, YHWH”. Visto no pano de fundo de Jr 17,13, a perícopé revela-se como uma encenação teatral da afirmação messiânica de Jesus, um cumprimento da perspectiva profética dada no livro de Jeremias⁷¹.

d) 8,9: a partida dos acusadores

Depois de respondê-los, Jesus se abaixa novamente e volta a escrever na terra. Jesus devolve a pergunta deles com uma outra pergunta que não exigia uma resposta e sim, uma ação: jogar ou não a pedra. Então, ao ouvirem Jesus, entenderam sua palavra (v.9a), mas também seu silêncio e escrita contínuos, como uma oportunidade para chegar a pensamentos diferentes ou mesmo para se arrepender. Jesus nem sequer olhou para cima até que eles foram embora, começando pelo mais velho, que

⁶⁸ Ex 23,1-3: “não espalharás notícias falsas, nem darás a mão ao ímpio para seres testemunha de injustiça. Não tomarás partido da maioria para fazeres o mal, nem deporás, num processo, inclinando-te para a maioria, para torcer o direito, nem serás parcial com o desvalido no seu processo”; Ex 23,7: “da falsa acusação te afastarás; não matarás o inocente e o justo e não justificarás o culpado”.

⁶⁹ Cf. Malzoni, *Evangelho segundo João*, 160.

⁷⁰ Cf. Perkins, «Evangelho segundo João», 776.

⁷¹ Cf. Rudrum y Schatz, «The woman taken in adultery...», 93.

possivelmente entendeu “que eles tinham que ser os primeiros dando um exemplo”⁷². Outra explicação para a partida dos mais velhos primeiro pode se dar por eles terem mais experiência de vida e portanto, mais possibilidades de terem pecado; estes saem primeiro, seguidos pelos mais jovens. Eles se intimidam diante das palavras de Jesus e nada têm a dizer diante do exposto por ele. Os anciãos podem condenar os mais jovens com facilidade, mas devem recordar os seus pecados cometidos ao longo de sua experiência de vida. Talvez aqui subjaza, como pano de fundo veterotestamentário, a história de Susana (Dn 5,28-41).

É curioso notar a presença da preposição ἀπό indicando que saíam um a um “a partir” dos mais velhos, a começar pelos mais velhos. Esta preposição se repete no v.11f, na fala de Jesus para a mulher: “[καὶ] ἀπὸ τοῦ νῦν μηκέτι ἀμάρτανε/[E], a partir de agora, não peques mais”. A partir da preposição ἀπό, pode-se intuir que os personagens que abandonaram a cena, a partir dos mais velhos, deixam a presença de Jesus com pecados, sem perdão e a mulher com o pecado perdoado.

e) 8,10-11: o diálogo entre Jesus e a mulher

Como realça Agostinho de Hipona, na cena restam apenas “a miserável e a misericórdia”, e o jogo se dá entre essas duas personagens e protagonistas da ação⁷³. Pela primeira vez a mulher, que ainda se encontrava no meio, torna-se personagem ativa. Jesus se levantou, saiu da posição de ensino (sentado). Jesus endireitou e se virou, pela primeira vez, em direção à mulher. E agindo como se ele próprio não tivesse se envolvido e nem tivesse notado a partida daqueles que vieram para prendê-lo, com vocativo, ele pergunta a ela (v. 10cd): “γύναι, ποῦ εἶσιν; οὐδεὶς σε κατέκρινεν;/Mulher, onde estão? Ninguém te condenou?”⁷⁴.

⁷² Herman Ridderbos, *The Gospel of John: a theological commentary* (Michigan: Grand Rapids, 1991), 290.

⁷³ Cf. Blank, *El Evangelio según San Juan*, 128.

⁷⁴ Cf. Ridderbos, *The Gospel of John*, 290.

Jesus se dirige à sua interlocutora como “mulher”, assim como fez com sua mãe, em Jo 2,4 e 19,26; em Jo 20,13.15, com Maria Madalena; em Jo 4,21, com a mulher samaritana em Sicar. Ele pergunta-lhe onde estão e se não a condenaram. Com vocativo, ela responde: “οὐδεὶς, κύριε/ Ninguém, Senhor” (v.11b)⁷⁵.

Nos vv.10d.11d o verbo “κατακρίνω/condenar” é usado no sentido legal de “sentença”. No v.11d Jesus responde à pergunta que lhe foi feita em 5c: “tu pois, o que dizes?”. Jesus não fala como um rabino que dá uma opinião sobre uma questão relativa à lei, mas como alguém que tem poder “na terra para perdoar pecados” (Lc 5,24) e “pôr em liberdade os oprimidos” (Lc 4,19): “οὐδὲ ἐγὼ σε κατακρίνω/nem eu te condeno” (v.11d). Ele despede a mulher e lhe diz com autoridade messiânica: “πορεύου, [καὶ] ἀπὸ τοῦ νῦν μηκέτι ἀμάρτανε/Vai, [e] a partir de agora, não peques mais” (v.11ef).

Conclusão

Cabe ressaltar que, no contexto de João, a perícopie da mulher adúltera foi interpolada no sétimo capítulo. Este possui em comum uma referência à Lei de Moisés (Jo 7,19.22-23.51; 8,5) e, em relação ao capítulo oitavo, a referência à lapidação de Jesus (8,59: λιθάζω)⁷⁶ e da mulher (8,5)⁷⁷. A mensagem de Jo 7,53 – 8,11 não entra em conflito com os ensinamentos de Jesus em outras partes do Novo Testamento, e esta é mais uma justificativa para a inclusão dessa perícopie no cânon bíblico, apesar de suas origens incertas.

Outro aspecto importante no texto é a disparidade de tratamento entre homens e mulheres. A mulher é trazida sozinha para a cena de julgamento, mas o homem que também praticou adultério simplesmente

⁷⁵ Cf. Michaels, *Novo comentário...*, 358.

⁷⁶ Cf. Louw y Nida, *Greek-English lexicon of the New Testament...*, 236.

⁷⁷ Cf. Malzoni, *Evangelho segundo João*, 161.

não aparece no relato. A lei era mais severa para as mulheres, já os homens poderiam manter a “respeitabilidade pública” apesar das suas irregularidades de conduta sexual fora do casamento; salvo se a mulher envolvida fosse casada, pois, neste caso, estaria atentando contra a propriedade de outro homem. A regulamentação de Jesus desafia a consciência de cada um dos homens que o ouvem. Ele tira a questão do plano judicial e a eleva ao plano moral, desfazendo as hipocrisias e levando à prática da misericórdia; como caminho de reconstrução de vidas feridas. O que Jesus quer é perdão e não pedradas.

Percebe-se que, para os escribas e fariseus, a mulher é apenas uma armadilha no conflito. No processo que eles tentam colocar em vigor, Jesus está sendo desafiado pela Lei de Moisés. A mulher, exposta publicamente, tornou-se um “objeto” em um debate jurídico. Ela está sendo instrumentalizada para os propósitos dos escribas e fariseus para que tivessem com o que acusar a Jesus (Jo 8,6ad)⁷⁸. Os escribas e fariseus não se importavam com a opinião de Jesus, eles queriam que ele caísse em sua armadilha com suas próprias palavras, pois se Jesus preservasse a Lei de Deus, ofenderia Roma; e se se submetesse à lei romana, ignoraria a Lei de Deus⁷⁹.

Hodiernamente, percebemos que a mentalidade que se rege cegamente pela lei ainda existe em muitas pessoas: os pesos e medidas para homens e mulheres são diferentes até hoje. Jesus nos ensina que homem e mulher pecam igualmente e que ambos necessitam do perdão de Deus. O pecado de Adão e de Eva, a desobediência à Lei de Deus, é praticada pelo gênero humano, como afirma Paulo, em Rm 3,23, indicando “πάντες γὰρ ἥμαρτον καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ θεοῦ/de fato, todos pecaram e estão privados da glória de Deus”.

⁷⁸ Cf. Moloney, *Il Vangelo di Giovanni*, 226.

⁷⁹ Cf. Charles Swindoll, *Comentário bíblico Swindoll: João* (São Paulo: Hagnos, 2017), 265.

Nesta situação covarde e vergonhosa, Jesus não insiste em falar sobre o erro da mulher. Ele não a condena e ordena que ela vá embora e que não mais peque. Jesus condena o pecado e não o pecador. Seu perdão reconcilia a pessoa humana com Deus, com o próximo, consigo mesma e com toda a criação. A correção amorosa restaura e dá a cada um a possibilidade de progredir, de crescer e amadurecer em humanidade. Vitorioso será o pecador que nunca desiste e se encontra com a misericórdia de Cristo. Segundo Ridderbos, “Jesus silencia com uma palavra, ou um gesto, a maldição de uma lei arrancada de suas bases e (re)estabelece a justiça sobre o fundamento da sua graça”⁸⁰. A graça salvífica é dada a todos igualmente, porém somente a mulher reconheceu o senhorio de Jesus (Jo 8,11b). Ela partiu com seus pecados perdoados, eles, no entanto, deixaram a presença de Jesus com o coração empedernido pela injustiça e endurecido pelos seus pecados.

Enfim, a título de conclusão, vale a pena recordar o que afirma o Papa Francisco sobre a misericórdia de Cristo, comentando o episódio da mulher adúltera presente no texto de Jo 8,1-11, ressaltando que Jesus salva a mulher da condenação à morte. Realça que o comportamento de Jesus é de profunda misericórdia e amor, jamais de desprezo e/ou de condenação. Pelo contrário, é de resgate e de valorização da vida humana, chamando para a mudança de estilo de vida. Com isso, Cristo revela o rosto misericordioso do Pai, que é sempre paciente e nunca se cansa de perdoar, dando perdão e não pedradas⁸¹.

⁸⁰ Ridderbos, *The Gospel of John*, 291.

⁸¹ Francisco, «Angelus», 17 de mayo de 2013, acceso el 24 de octubre de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html.

Referências

- Beasley-Murray, George R. *Word Biblical commentary: John, Vol. 36*. Texas: Word Books Publisher, 1987.
- Berger, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Loyola: São Paulo, 1984.
- Beutler, Johannes. *Comentario al evangelio de Juan*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2016.
- Blank, Joseph. *El Evangelio según San Juan. Tomo Primero b (cap V y VII–XII)*. Barcelona: Herder, 1984.
- Brown, Raymond Edward. *Comentário ao Evangelho segundo João, Volume I (1-2): introdução, tradução e notas*. Santo André: Academia Cristã– São Paulo: Paulus, 2020.
- Bruce, Frederick Fyvie. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- Carson, Donald Arthur. *The Gospel according to John*. Leicester: Apollos – Michigan: Eerdmans Publishing Group, 1991.
- De Vaux, Roland. *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Herder, 1976.
- Derrett, John Duncan M. *Law in the New Testament*. Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2005.
- Francisco. «Angelus», 17 de mayo de 2013. Acceso el 24 de octubre de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html.

- Gonzaga, Waldecir, «A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia». En *Exegese, teologia e pastoral: relações, tensões e desafios*, editado por Mazzarollo, Isidoro, Leonardo Agostini Fernandes y Maria de Lourdes Corrêa Lima, 201-235. Rio de Janeiro: PUC-Rio – Santo André Academia: Cristã, 2015.
- Gonzaga, Waldecir. *Compêndio do Cânon Bíblico: listas bilingues dos catálogos bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio- Petrópolis: Vozes, 2019.
- Hahn, Scott y Curtis Mitch. *O evangelho de São João*. Campinas: Ecclesiae, 2015.
- Hendriksen, William. *The Gospel according to John, Vol. II: commentary on chapters 7-21*. Michigan: Baker Groups, 1983.
- Köstenberger, Andreas. *John (Baker Exegetical Commentary on the New Testament)*. Michigan: Grand Rapids, 2004.
- Léon-Dufour, Xavier. *Lettura dell'Evangelo secondo Giovann*. Torino: San Paolo, 2007.
- Louw, Johannes Petrus y Eugene A. Nida. *Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains*. New York: United Bible Societies, 1996.
- Malzoni, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- Martin, Francis y William M. Wright. *The Gospel of John*. Michigan: Baker Academics, 2015.
- Metzger, Bruce Manning. *A textual commentary on the Greek New Testament*. New York: United Bible Societies, 1971.

- Michaels, J. Ramsey. *Novo comentário bíblico contemporâneo: João*. São Paulo: Vida, 1994.
- Moloney, Francis J. *Il Vangelo di Giovanni*. Torino: Elledici, 2007.
- Morris, Leon. *The Gospel according to John*. Michigan: Grand Rapids, 1995.
- Nestle-Aland, eds., *Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- Niccaci, Alviero y Oscar Battaglia. *Comentário ao Evangelho de São João*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Omanson, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de «O Novo Testamento Grego»*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- Paroschi, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- Pérez Millos, Samuel. *Juan: comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: CLIF, 2016.
- Perkins, Pheme, «Evangelho Segundo João». En *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, editado por Raymond Edward Brown, Joseph A. Fitzmyer y Roland E. Murphy, 731-816. São Paulo: Paulus, 2018.
- Ridderbos, Herman. *The Gospel of John: a theological commentary*. Michigan: Grand Rapids, 1991.
- Rudrum, Alan y Julia Schatz. «The woman taken in adultery: a literary perspective on Christ's writing in John 8:1-12». *Connotations: a Journal for critical debate* (Tübingen) 31 (2022): 85-99.

Schnackenburg, Rudolf. *Commentario teologico del Nuovo Testamento: il vangelo di Giovanni, parte seconda*. Brescia: Paideia, 1977.

Swindoll, Charles. *Comentário bíblico Swindoll: João*. São Paulo: Hagnos, 2017.

Zumstein, Jean. *Il Vangelo secondo Giovanni (1,1-12,50)*. Torino: Claudiana, 2017.